

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil

Class.: 03

Data: 01/07/73

Pg.: \_\_\_\_\_

### Índia pernambucana fará vestibular de Medicina

Brasília. (Sucursal) — Caso seja aprovada no vestibular de julho da Universidade de Brasília, a índia Yatah, da tribo funio, de Pernambuco, poderá vir a ser a primeira médica indígena brasileira e um dos raríssimos casos, de gente de sua raça, a atingir o ensino superior.

Jeito quieto, fala mole e comendo sílabas, Yatah diz as coisas como quem pede desculpas por estar entre brancos assimilando costumes que não são seus. Quer estudar Medicina, para retornar à sua tribo e ao Xingu (onde já trabalhou) e prestar assistência e "os cuidados médicos que os índios tanto precisam."

#### NUM BARRACO

Yatah reside num barraco de madeira mal arranjado na Asa Norte de Brasília, com um irmão de criação e seu marido, também índio, Aikangan, que gosta muito de passar o dia no cerrado de Brasília, acompanhado de um cachorro. Tanto ela quanto o marido têm outros nomes, de batismo cristão: Ednalva Nunes e Paulo Jerônimo.

Ela estudou em Recife ao mesmo tempo que prestou pequenos serviços à Funai. Depois, foi transferida para o Parque Nacional do Xingu, onde os estudos foram interrompidos, mas aprendeu a conhecer melhor seus irmãos índios que ali habitam. Conheceu o diretor do parque, Orlando Vilas Boas, por quem diz manter grande admiração.

Novamente a Funai a removeu para Brasília onde, inicialmente, trabalhou junto à casa do Ceará, que abriga os silvícolas em trânsito por Brasília ou que são

levados à capital da República para tratamento médico.

#### SEM COMPREENSÃO

— É uma vida de muito sacrifício — explica numa linguagem em que as palavras não chegam a se completar. Meu marido — diz quase chorando — é muito doente. Doença da cabeça, sabe? Parece que ele até hoje não compreendeu a civilização branca.

Seu marido é de uma tribo mais longinqua, da fronteira do Brasil com a Venezuela e, ao contrário dos funios, não possuía, anteriormente, nenhum contato com os brancos e, por isso, estranha, mais que Yatah, a cidade grande. Chegou a ser internado num sanatório em Anápolis, a 150 quilômetros de Brasília, mas conseguiu fugir e chegar até o Distrito Federal, em carona. Yatah o compreende e acha que esta situação se deve apenas ao distanciamento de seus irmãos silvícolas. Quando retornarem à selva, esses problemas desaparecerão — acredita.

#### TENACIDADE

Depois do trabalho na casa do Ceará Yatah foi transferida pela Funai para o Departamento Geral de Operações, onde trabalha no momento. A Funai a estimula a prosseguir os estudos, que realiza à noite, após o expediente que, ali, vai até às 18h30m.

Mas o que conta mesmo é sua "vontade de estudar" — ressaltada tanto por seus companheiros de trabalho da Funai, quanto por professores do cursinho em que ela estuda, o pré-universitário de Brasília, que lhe ofereceu uma bolsa de estu-

dos quando verificou sua carência de maiores recursos.

O vestibular que a Universidade de Brasília realiza em julho não é, no entanto, o mais importante do estabelecimento. É uma espécie de temporão que só oferece 30 vagas ao curso de Ciências Médicas. Por isso, as chances são pequenas e Yatah acha que, se não passar, neste concurso, terá, quando nada, recebido experiência para enfrentar, com melhores condições, o vestibular principal do fim do ano.

#### SACRIFÍCIO

Ela diz que os professores do cursinho são muito compreensivos com seu caso e procuram sempre oferecer-lhe uma explicação suplementar aos problemas que encontra. Tem-se dado bem nas disciplinas de Biologia, História e Química Orgânica, mas "a Matemática e a Física não há quem entenda, são muito complicadas e as notas têm sido baixas."

Caso raro de promoção indígena, Yatah não tem muita consciência de que possa ser um exemplo de tenacidade para seus irmãos índios. A única coisa que parece lhe preocupar é uma espécie de necessidade de obter conhecimentos médicos para dedicá-los aos índios.

— Você conhece — indaga — a tribo Funios? Nem sei como explicar. É muita pobreza junta — diz, sem malícia e sem denúncia, mas apenas como uma constatação dolorosa — os índios precisam de cuidados médicos. Há equipes volantes que às vezes prestam esses serviços, mas, sabe como é, não é todo dia que isto é possível.